

**AS PRÁTICAS DE ORALIDADE POR (E PARA) PESSOAS
NEURODIVERGENTES:
foco em TEA**

**ORALITY PRACTICES BY (AND FOR) NEURODIVERGENT PEOPLE:
focus in ASD**

Carolina da Silva Prates¹

INTRODUÇÃO

O trabalho visa entender como se dão as práticas de oralidade, assim definidas por Marcuschi como práticas sociais com protagonismo de atividade da fala, em indivíduos com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), na busca do entendimento da diferença e dificuldade de exercer essas práticas efetivamente em relação a pessoas fora desse diagnóstico, abordando brevemente seus estigmas e como realizar estratégias ou metodologias ativas para indivíduos com TEA poderem realizar e compreender a oralidade através de relato de experiência do autor e recursos teóricos e digitais que apoiam seu trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Partindo do princípio de que a escrita é uma tecnologia derivada e que a fala é uma forma de interação primária” (Marcuschi, 1997, p. 129), neste trabalho, assumimos a compreensão de que a escola deveria proporcionar um ambiente de aprendizagem que também focalize, de maneira privilegiada, aspectos da fala em concretos contextos e situações sociais, voltados para o exercício da Oralidade. E isso significa trabalhar com as práticas de oralidade não apenas nos anos iniciais, como naturalmente deve ser feito no período de alfabetização. O autor traz ainda a reflexão de que: Todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Não se trata, com isto, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível. (Stubbs, 1980, *apud* Marcuschi, 1997, p. 120). Para o tema é relevante ter esse entendimento pois indivíduos com TEA já são conhecidos por se comunicarem de modo divergente e por apresentarem lacunas de entendimento no que é de ordem social,

¹ carolina.prates@sga.pucminas.br ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

como explicita Telles: A palavra é um meio de poder que compõe todo o universo discursivo e que se caracteriza por uma parte que se mantém obscura, por se caracterizar por determinações impossíveis de se esclarecer ou justificar (...) implica num posicionamento ativo do sujeito. A linguagem é recusada pelo autista, pois o coloca numa condição de vulnerabilidade e risco, em virtude da noção de perigo e de regras, em muitos casos, não opera. O que existe de sagrado e de lei de ordem na linguagem, manca no autista, pois ele recusa o pertencimento (Telles, 2016, p. 4). Ou seja, para esses indivíduos, exige um letramento social no qual não vem automático para seu entendimento, e isso contribui para uma certa recusa dessa complexidade social por se tratar de um jogo intenso de sentidos em que obviamente não é possível “ganhar” o tempo todo, decisão sendo consciente ou não.

METODOLOGIA

O trabalho acadêmico caracteriza-se como de natureza qualitativa e bibliográfica, realizada a partir da análise de artigos científicos, livros e periódicos publicados entre 1990 e 2024. O levantamento foi feito em bases de dados como Scielo e Google Acadêmico, utilizando os descritores “Autismo em adultos”, “Discurso”, “Práticas Sociais” e afins. O material coletado foi organizado em categorias temáticas, permitindo a discussão dos principais aportes teóricos relacionados ao tema.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

Os resultados da revisão apontam que a utilização de metodologias ativas e como tem se mostrado eficaz na promoção da autonomia do indivíduo com TEA com suas dificuldades no âmbito da Oralidade e em como exercê-la, corroborando pelos achados no artigo de Telles (2016) por meio da definição de Oralidade por Marcuschi (1997). No entanto, a implementação dessas práticas ainda encontra resistência em contextos escolares tradicionais, apesar dos avanços teóricos, há um descompasso entre a proposta metodológica e a realidade prática, o que reforça a necessidade de formações continuadas para docentes, por exemplo. Refletir sobre traz uma percepção de em que área do ensino poderíamos evoluir e como promover práticas de reforço além do ambiente escolar para pessoas neurodivergentes, em destaque para pessoas autistas. Após temos passado pela compreensão do que é Oralidade, conceituada assim por Marcuschi, tivemos a

oportunidade de refletir sobre como tal capacidade como afetar na aprendizagem para o indivíduo com TEA, entendido por Telles (2016, p. 4) como não só um aspecto, mas como na linguagem em si que “é recusada pelo autista, pois o coloca numa condição de vulnerabilidade e risco”. Devido essa dimensão que se tem alternativas com metodologias ativas e sugestões para promover o entendimento de Oralidade na pessoa autista, como cursos de reforço e atendimento clínico especializado na área da comunicação. Apesar de ser uma prática que muitas vezes foge do idealizado pela proposta metodológica por razões exteriores como falta de recursos por desigualdade financeira, por exemplo, o que dificulta na inserção desses sujeitos como pessoas ativas na sociedade, a proposta seria pensar e refletir não só pelos argumentos apresentados, mas também com o relato de experiência do autor como autista nível um de suporte e sua trajetória em compreender essa dimensão da linguagem, deixar aberto para discussão entre discentes e docentes as possíveis abordagens para ensino e promover esse espaço de reflexão com relação as pessoas com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos assim que este trabalho possibilita identificar não apenas avanços conceituais, mas também desafios que necessitam de maior atenção, sobretudo no que se refere à necessidade de integrar teoria e prática no ensino para pessoas dentro do espectro autista. É recomendado a continuidade de pesquisas que articulem experiências empíricas e referenciais teóricos, a fim de consolidar práticas mais efetivas e contextualizadas dentro da área da educação.

Palavras-chave: Práticas Sociais; Oralidade; TEA.

REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. **Signótica**, v. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6323097>. Acesso em: 1 set. 2025.

PARANÁ (Estado). Secretaria de Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=O%20transtorno%20do%20espectro%20autista,repert%C3%B3rio%20resrito%20de%20interesses%20e>. Acesso em: 01 set. 2025.

RISSATO, Heloise. **É mais difícil identificar autismo em meninas?** Genial Care, 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/autismo-em-meninas/>. Acesso em: 1 set. 2025.

TELLES, Andrade Maria Cynara. **Autismo: um acontecimento discursivo.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

TIX. **O que é comunicação alternativa?** 2024. Disponível em: <https://tix.life/comunicacao-alternativa/o-que-e-comunicacao-alternativa>. Acesso em: 1 set. 2025.